



“A Guerra do Paraguai”

Fato histórico e fonte de estudos

Sergio Roberto Dentino Morgado

“História... testis temporum,
lux veritatis, vita memorioe,
magistra vitae...” Cícero – 106 – 43 AC

“A História testemunha dos tempos, luz da verdade, vida da memória, mestra da vida...” ensinava Cícero, pensador romano, já faz mais de 2.000 anos.

Esse mote é o fio condutor que escolhi para tratar deste fato histórico rico em ensinamentos e muito pouco aproveitado para análises, estudos, comparações, citações, exaltações, fonte de referência e orgulho da alma pátria, sem ufanismo, mas como crença na capacidade dos brasileiros em se superarem na adversidade, irmanados no ideal maior da defesa da integridade nacional, sem distinção de raça, credo ou cor da pele.

Em livro recente – “Porque o Ocidente venceu”¹, Victor Davis Hanson, historiador militar da Universidade de Fresno, inicia a sua tese descrevendo a “Marcha dos Dez Mil”, epopéia grega que

inspirou Xenofontes a escrever a “Anabase” – poema épico que trata da retirada dos gregos através da Ásia, rumo ao norte, até o Helisponto, no Mar Negro, enfrentando, com êxito, milhares de persas, ao longo de 1 ano e meio. A tese de Hanson neste livro, é mostrar a prevalência dos valores éticos e morais no cumprimento do dever militar e destacar a sua importância na relação entre os diferentes interesses que permeiam os conflitos. Gostaria de tratar do tema com base nessa tese, para reafirmar a crença de que são esses valores que nos estimulam sempre no cumprimento da missão.

Tenho apresentado este estudo sobre a Guerra do Paraguai em várias organizações de ensino do Exército: ECEME, EsPCEEx, ESA, CPOR’s, EsIE..., tratando do assunto de forma muito afetiva,

*O autor é General de Brigada, historiador e pesquisador em História Militar, Sócio Emérito e Membro do Conselho Fiscal do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.

1 - Porque o Ocidente venceu, Hanson, Victor Davis, Ediouro 2002

tratando das causas e do grande contexto em que o conflito aconteceu, explorando os fatos e os seus personagens e, meditando sobre as suas conseqüências.

Em uma dessas ocasiões, durante a preparação, um sargento pediu para falar comigo e ao atendê-lo, fui surpreendido com a seguinte pergunta : - General, o Sr veio nos falar sobre a Guerra do Paraguai. A minha professora de História, ao tratar desse assunto, nos mostrou Caxias como um monstro, que matava mulheres e crianças, que jogava cadáveres coléricos no Rio Paraguai para infectar o Exército e a população paraguaia, que maltratava os nossos soldados, principalmente os negros.... Isso é verdade?

Naquele instante percebi, de forma clara, a importância da oportunidade que me estava sendo proporcionada. Estava diante do “efeito Chiavenato”², que tanto mal tem causado à formação da nossa juventude usando a mentira e a injúria como instrumentos de descrédito sobre o Exército Brasileiro e seus heróis; filosofia marxista calcada na crença de que os fins justificam os meios.

Disse que lhe responderia com a palestra que iria proferir e agradeceu a oportunidade de desmistificar essa inverdade.

Comentei o fato com o Comandante da Escola e o mesmo se mostrou perplexo, pois aquele sargento havia participado dos seminários realizados em comemoração ao bi-centenário de Caxias e, a seu juízo, não havia razão para aquela dúvida.

Meditamos juntos sobre o fato e concluímos sobre a força do ensinamento prestado nos bancos escolares, sobre a importância do professor em nossa vida e sobre o conflito que estaria se passando na cabeça do jovem sargento, pedindo ao General que provasse não ser verdadeira a tese da sua professora. Estávamos diante de um confronto ético : a ética de valores versus a ética de interesses, travada nos escalões mais elevados da formação do nosso pensamento, travada numa sociedade onde 75% de sua população economicamente ativa é analfabeta funcional, portanto, aceita informações como verdadeiras sem questioná-las, interpreta-las, avalia-las.

Tenho iniciado minhas palestras mostrando o aprisionamento do navio “Marques de Olinda”, pelos paraguaios, no dia 12 de novembro de 1864, como o fato histórico que deu início à guerra. Ele me serve de apoio para descrever Porque se fez a guerra; descrição que busca a



relação entre as causas imediatas:

- a invasão do Uruguai pelas tropas brasileiras em 12 de outubro de 1864;

- a aspiração de Solano Lopes de criar o Paraguai Maior;

- a busca da unidade argentina, de certa forma inspirada ainda na reconstituição do antigo Vice – Reinado do Prata;

- a manutenção da livre navegação no Rio da Prata, e,

- a definição das questões de limites entre os beligerantes,

e as causas remotas :

- a busca, o transporte e o controle do ouro existente nas colônias;

- as carências e as implicações da economia do açúcar, desenvolvida no Brasil;

- a criação das reduções jesuíticas, a união das coroas de Portugal e Espanha e o término do Tratado de Tordesilhas, com a conseqüente ação dos bandeirantes;

- o aparecimento da economia do charque e do couro como conseqüência do conflito entre bandeirantes, índios e jesuítas e sua importância como motivação para a disputa e ocupação daquela região;

- a disputa pelo controle do comércio no Prata, caracterizada pela determinação portuguesa em se estabelecer na margem oriental do estuário;

- as guerras acontecidas na Europa, principalmente entre Portugal e Espanha, pelos desdobramentos que acarretaram no continente sul – americano;

- os conseqüentes tratados de limite, fruto das guerras e dos acordos dinásticos, que faziam a fronteira flutuar, num contínuo vai – e – vem;

- a criação, tardia, do Vice – Reinado do Prata, como tentativa de conter a presença portuguesa no Prata;

- a desintegração do Império Colonial Espanhol da América, fruto da Guerra Napoleônica, criando uma série de países com contornos e patrimônio ainda por definir;

- a manutenção da integridade do Império Colonial Português, em face da vinda da corte portuguesa para o Brasil, fortalecendo e possibilitando a criação do Estado do Brasil como a principal nação sul – americana, e

- as guerras desenroladas na região do Prata, inicialmente entre portugueses e espanhóis, posteriormente entre seus descendentes, criando um cultura de relações belicosas e inamistosas, projetadas ao longo de suas histórias.

Essa relação busca mostrar o contexto que motivou a Guerra e

serve para desmistificar a afirmação de que o conflito teve como causa o interesse inglês em impedir a ascensão do Paraguai como potência regional e controlar a economia da região. O revisionismo marxista, ao contrário, tem buscado mitificar o conflito, desde a apresentação das chamadas repúblicas jesuíticas como exemplos de núcleos de inspiração comunista, até a apresentação do Paraguai, fruto dessas experiências, como um país que estava se desenvolvendo através de uma base industrial que colocaria em risco o interesse mercantilista europeu no sul da América.

Francisco Doratioto, professor doutor em História, da Universidade de Brasília, nos oferece uma versão honesta do conflito, baseada em consistentes provas documentais, com o seu livro “Maldita Guerra”, editado pela Companhia das Letras em 2002.

Gostaria de sugerir a leitura do livro “Guerra do Paraguai – Como construímos o conflito”³, escrito pelo Professor Alfredo da Mota Menezes, titular da Universidade Federal de Mato Grosso, como uma importante contribuição ao conhecimento das causas da guerra e da desmistificação da versão marxista sobre o interesse inglês no conflito.

Feitas estas observações prelimi-

nares, desejo apresentar um ligeiro resumo de Como se fez a Guerra, que permita mostrar alguns aspectos do fato histórico, estimuladores de análises e comparações mais profundas e apropriadas ao estudo da arte da guerra, dos valores que fundamentam a profissão militar, dos conhecimentos relativos à política, relações internacionais, economia, estratégia, cenários, logística, enfim, todos os ensinamentos que levem a nossa sociedade ter referências que lhe permitam, em conhecendo a História, não repetir erros e não ser surpreendida por ações inamistosas de possíveis agressores.

Retomemos, então, o dia 12 de novembro de 1865, quando o navio brasileiro “Marques de Olinda”, conduzindo o futuro governador de Mato Grosso, Cel Carneiro de Campos, foi aprisionado após deixar o porto de Assunção em direção a Cuiabá. No dia seguinte, 13 de novembro, o governo paraguaio entregou uma nota, datada da véspera, rompendo relações com o Brasil e suspendendo a livre navegação de embarcações brasileiras pelo rio Paraguai.

Enquanto isso ocorria, prosseguia a intervenção brasileira no Uruguai, em apoio aos colorados de Venâncio Flores na já prolongada guerra civil que infelicitava



toda a população oriental, incluindo aí o enorme contingente brasileiro que ali habitava (40 mil – 20%), seus bens e seus interesses, representados pelo comércio do couro e do charque.

O Exército Imperial, com 7.000 homens, a maioria vinda dos Corpos da Guarda Nacional do Rio Grande do Sul, ao comando do Marechal João Propício Mena Barreto, invadiu o território oriental em 1º de dezembro, tomou Paissandu em 2 de janeiro, estabeleceu o cerco de Montevideú a 2 de fevereiro, e no dia 20, com o General Flores assumindo o governo, concluiu sua missão. Composta por 2 Divisões comandadas pelos Brigadeiros Manoel Luis Osório e José Luis Mena Barreto, teve o apoio da artilharia de Mallet e da Esquadra de Tamandaré. Esse exército será o núcleo das Forças Expedicionárias Brasileiras que irão combater os paraguaios nos cinco anos seguintes.

A invasão do território brasileiro, em dezembro de 1864, nas vésperas do Natal, seguiu-se ao aprisionamento do navio, mas a preparação para a guerra começou dez anos antes, em 1855, quando D. Carlos Lopes, pai de Solano, proibiu a livre navegação no rio Paraguai, levando ao Brasil a se opor ao ato, deslocando uma es-

quadra de 20 navios até o Prata para impor seus direitos.

Solano, então Ministro da Guerra, General desde os 19 anos de idade, em 1853 havia estado na Europa, em missão diplomática junto às cortes européias e feito contato com várias firmas, principalmente inglesas, onde adquiriu apoio financeiro e material. Lá contratou centenas de técnicos, engenheiros civis, navais, mecânicos, especialistas em minas, estradas de ferro, produção de aço, torpedos e canhões, instrutores militares, além de médicos, arquitetos e professores, ao todo 231 estrangeiros.⁴

Adquiriu e encomendou navios, comprou armamento e munições; começou a armar e preparar o Paraguai para a guerra.

Duas colunas partiram do Paraguai para invadir Mato Grosso, Província com cerca de 80 mil habitantes, 3 mil Guardas Nacionais e 900 homens da tropa de 1ª linha, praticamente desarmada. Pelo rio, 4 mil homens ao comando do Cel Vicente Barrios, cunhado de Lopes, usando 5 barcos a vapor, atacaram e conquistaram o Forte Coimbra a 26 de dezembro e ocuparam Corumbá em 4 de janeiro. Por terra, 3.500 homens ao comando do Cel Francisco Resquim, atacou Bella Vista, ocupou Nioaque em 2 de

4 - Moniz Bandeira, O Expansionismo Brasileiro e a formação dos Estados na Bacia do Prata, Renavan, 1985.

janeiro e atingiu Coxim em 24 de abril. Resquim havia feito um reconhecimento da área de operações, entre novembro de 1863 e fevereiro do ano seguinte, disfarçado de fazendeiro interessado em comprar terras em Mato Grosso.

A reação brasileira foi imediata e indignada. Por decreto de 7 de janeiro o governo imperial cria os Corpos de Voluntários da Pátria. D Pedro II se alista como o Voluntário nº 1. De pronto, dez mil brasileiros se apresentam em todo o território nacional. O governo imperial convoca 15 mil Guardas Nacionais. Eles são cerca de 420 mil, espalhados pelas Províncias. De São Paulo, em 10 de abril, parte o primeiro contingente, em direção a Uberaba, onde vai se juntar às tropas mineiras e que, em 21 de abril de 1867, dois anos depois, vão atingir a Fazenda Laguna, em território paraguaio. Vão protagonizar a epopéia conhecida como A Retirada da Laguna, cuja descrição encontra-se maravilhosamente descrita por Taunay em obra desse título, publicada pela nossa Biblioteca do Exército.

Gostaria de lhes sumarizar este Fazer a Guerra em quatro contextos:

A marcha dos exércitos aliados pela mesopotâmia argentina, apon-

tando aspectos relevantes dessa ação que durou quase 1 ano, contada da partida do Exército Imperial de Montevideú, em 27 de abril de 1865, até a penetração dos aliados no território paraguaio, em Passo da Pátria, no dia 16 de abril de 1866.

A luta para a conquista de Humaitá, primeiro objetivo definido pelo Conselho de Guerra instalado em Buenos Aires, logo após a assinatura do Tratado da Tríplice Aliança, e do qual participaram Osório, Tamandaré, Mitre, Flores e Urquiza, compreendendo o período que vai da invasão (16 de abril de 1866) até a ocupação da fortaleza, em 05 de agosto de 1868, computando mais de 2 anos de preparações, sofrimentos, discussões políticas e estratégicas, ações as mais diversas, seja por terra, pelo rio ou pelos pântanos.

A perseguição, o cerco e a destruição do Exército de Solano Lopes na Linha do Piquiciri, mostrando o elevado nível de capacitação atingido pelo nosso Exército no decorrer da Campanha e ressaltando a elevada estatura de Caxias como Chefe Militar, comparável aos maiores que a História Militar registra como ícones de referência.



O fecho da guerra na Campanha da Cordilheira, mostrando e comentando aspectos dessa fase, que durou de 16 de abril de 1869, data em que o Príncipe consorte Gaston de Orleans, o Conde D'Eu, assumiu o comando do Exército Imperial no Paraguai, até 1º de março de 1870, data da morte de Solano Lopes, e que tem sido usada pelos revisionistas, para matizar a guerra como um todo.

Começemos por tratar da formação da Força Expedicionária Imperial que irá desagrar as ofensas cometidas por Solano Lopes contra a honra e o patrimônio nacional. Osório, a quem coube o seu mando e organização inicial, assumiu seus encargos, ainda Brigadeiro, em 1º de março de 1865, com um efetivo de 9.500 homens, sendo 5.200 infantas (10 Batalhões de 1ª linha, os Corpos de Polícia das Províncias da Bahia e do Rio de Janeiro, e o Corpo de Guarnição da Província do Espírito Santo), aos quais se somavam os 2.100 cavalarianos rio-grandenses (4 Regimentos de 1ª Linha e 7 Corpos Provisórios da Guarda Nacional). Completavam esse efetivo 970 artilheiros e engenheiros (2 baterias do 2º Regimento de Artilharia a cavalo, o 3º Batalhão de Artilharia a pé e um contingente do Batalhão de Engenharia)

Registre-se o fato de que o primeiro nome cogitado para assumir o comando das forças imperiais foi o de Caxias, que ao ser sondado respondeu que aceitaria desde que também assumisse a Presidência da Província do Rio Grande do Sul, com o que não concordou o Gabinete liberal que conduzia o governo naquela ocasião. Convidado oficialmente para a função, em 14 de fevereiro, recusou o convite, razão porque Osório foi nomeado interinamente, em 18 de fevereiro, para substituir o Marechal João Propício, que doente, se retirava para sua província natal.

Osório assumiu o comando enfermo (1º de março) e com a tropa em condições muito precárias. Como chefe e como líder começou a organizá-la. Em abril começaram a chegar os Batalhões de Voluntários e seu efetivo alcançou 13.000 homens. Nomeou o Brigadeiro Antônio de Sampaio, Inspetor da Infantaria, encarregando-o de instruir a tropa, o que seria feito durante todo deslocamento para a Região de Corrientes.

Um exemplo da sua ação de comando está contido na resposta a um ofício do Brigadeiro Soares de Andréa participando a deserção de Guardas Nacionais sob seu comando, alegando falta de abar-

racamento e abrigo e por causa de enfermidades e mau tratamento no acampamento. Responde-lhe Osório: “Ilmo e Exmo Senhor – Recebi seu ofício, em que me participa terem desertado 34 praças dos 1º e 4º Corpos, mas não me diz V. Ex. se foram presos, como deveriam ser, os oficiais de Estado-Maior de dia e Inferiores desses Corpos; porque se eles estivessem com a precisa vigilância, os soldados não levariam o armamento e o arreamento do quartel. Portanto, quando essas deserções se derem, devem ser presos por 3 dias os oficiais de serviço aos Corpos.” E mais adiante, no mesmo ofício:” Neste lugar onde estou acampado, vi o Exército do Brasil, em 1823, combatendo todos os dias quase nu (Guerra da Independência – Osório era Tenente). O próprio General sofria o que todos tinham – muquiranas. Duas libras de carne magra eram a ração do soldado; o calçado era de pelego; o soldo pagava-se de 15 em 15 dias. Compare V.Exa este estado com o de hoje, e diga se há motivo para o horror e para as histórias que desmoralizam a tropa. Sem embargo, desejo proporcionar quanto em mim couber, o bom êxito para o tratamento dos sãos e dos doentes”.⁵

A obra referida trata, em minúcias, da trajetória de Osório ao lon-

go de toda a Campanha e é fruto do trabalho de seus netos Joaquim Luis e Fernando Luis, com farta documentação de fontes primárias.

Registremos ainda, dessa ocasião, passagens do Relatório que remeteu ao recém empossado Ministro da Guerra, Conselheiro Ferraz, em 27 de maio de 1865. Dele, destaco a referência à marcha da coluna de cavalaria que ultrapassava o passo do Rio Negro, em direção a Concórdia: “Aquela coluna tem marchado lentamente, porque as cavahadas estavam em mau estado, pelo fato notável de não haver pasto ao sul do Rio Negro, consequência da fatal seca que houve no verão e do frio e chuvas que repentinamente substituíram o imenso calor.” E mais adiante: “A falta sensível do nosso Exército é a cavahada, o que me tem dado grave cuidado. O meu antecessor tinha contratado 11 mil cavalos, mas falharam. Eu contratei 7 mil, que ainda não recebi, de maneira que poucos temos obtido, e esses são destruídos na marcha para Paysandú.... Outro mal que sofre o Exército é a peste da varíola e do sarampo, importada pelas forças navais que vieram do Norte, mal esse que não foi possível evitar. E que surpreendeu-me sem os meios de inutilizar seus efeitos.. Foi pre-



ciso criar 3 hospitais a um tempo. Só não faltaram remédios... “E diz ainda no relatório: “Não é exato o que aí se diz de serem mal alimentadas as praças do Exército, porque desde Março tem o Exército sido alimentado na razão de uma rês de conta para 60 praças na Cavalaria e de 80 na Infantaria; café 1 onça; açúcar, 2 onças; bolacha, 4 onças, farinha de mandioca e mais uma ração diária de aguardente para cada praça.... Da minha parte afianço a V. Exa que, em mais de 42 anos de serviço militar, não vi por aqui dar-se tanto para a alimentação da tropa...”

Muito pouco se conhece e muito pouco se tem estudado sobre esse período tão preñado de ensinamentos. Alguns autores fazem um breve registro dessa verdadeira epopéia que antecede o início dos combates em território paraguaio. O General Paulo de Queirós Duarte, em sua alentada obra composta de 12 volumes sobre os Voluntários da Pátria⁶, sintetiza-a de forma precisa: “A marcha do Arroio Juqueri-Grande, ao norte de Concórdia, até a Lagoa Brava, uma região a leste de Corrientes, foi executada em 132 jornadas, de 11 de agosto a 20 de dezembro, marchando por uma estrada que não era mais que um caminho de diligências, em

terreno arenoso, sujo e repleto de brejos, banhados e vários cursos d’água a serem transpostos, tudo isso sob condições atmosféricas sáfaras (impróprias) – em meio a um calor abrasador e, vez por outra, bafejada a tropa por precipitações atmosféricas que deixavam o fardamento e o calçado em péssimas condições.”

Os netos de Osório, em sua biografia, também registram essa marcha de 481 km, do corte do rio Uruguai ao corte do rio Paraná, e colhem opiniões de outros escritores, onde se afirma não haver exemplo semelhante em outra Campanha anterior, na América do Sul, pelo tamanho da impedimenta e pelo número de mortes. Essas perdas foram consequência das condições sáfaras a que se referiu o Gen Paulo de Queirós Duarte. Inverno rigoroso, chuvas torrenciais e verão causticante, tudo isso marchando em terreno inóspito.

Mas nem tudo foi sofrimento. Nos quase 2 meses passados no acampamento de Lagoa Santa (20 Dez a 10 Fev), houve imensa confraternização. Atente-se para este fato, pois estavam reunidos brasileiros de todos os nossos rincões, irmanados numa missão comum; defender a honra do Brasil. Nesses cinquenta e um dias, registram

6 - Duarte, Paulo de Queiroz, “Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai”, BIBLIEX, 1983

os biógrafos,⁷” o Exército recebeu armamentos, munições e levas de voluntários bisonhos, baldos de toda a instrução militar,... cada contingente com muitos oficiais comissionados, que, em geral, não sabiam instruir as praças que comandavam; eram tão recrutas quanto seus próprios soldados.” (Reflico sobre a instituição da Guarda Nacional e a preparação da nossa sociedade para a eventualidade de uma guerra).

O General Paulo Duarte, na sua momentosa obra, refere-se aos concertos e retretas que as Bandas dos Batalhões realizavam, (principalmente as oriundas dos Corpos Policiais), numa verdadeira competição de qualidade. Registre-se ainda o clamor externado pela invasão paraguaia, em São Borja, a 10 de junho, mesclada com a vibração da magistral vitória da nossa Marinha na Batalha do Riachuelo, no dia seguinte, que ao Comando do Almirante Barroso, destruiu metade da Esquadra Paraguaia no rio Paraná, nas proximidades de Corrientes, sepultando o sonho do Paraguai Maior de Solano Lopes. Registrem-se as alegrias provocadas pela promoção de Osório a Marechal de Campo, em 08 de julho e pela rendição de Estigarribia, em Uruguaiana, no dia 20 de se-

tembro. Vivia-se a expectativa do combate, num processo de preparação em movimento, enrijessendo-se a tropa para as refregas que estavam por vir.

Desse período sobressai-se uma figura pouco conhecida e até mesmo pouco festejada na nossa História Militar. Refiro-me ao então Tenente Coronel José Carlos de Carvalho. Professor de Engenharia da Escola Militar da Praia Vermelha possuía já extenso currículo de obras realizadas. Fora ele que, entre outras, construía a nova Fortaleza de Santa Cruz, tal qual a conhecemos hoje, obra que tem sido atribuída à Engenharia lusitana. Como Chefe da Comissão de Engenheiros do Exército Imperial, teve por missão facilitar o movimento nessa longa marcha, preparando e melhorando os caminhos, construindo pontes de circunstância, preparando as transposições dos rios caudalosos e participando de inúmeras tarefas logísticas, a mando de Osório. Foi nessa época que se criou, em Corrientes, um Laboratório para fabricar cartuchos e realizar a compustura de armas, tendo o mesmo entregue ao Exército, até o dia 19 de janeiro (1866), 138 mil cartuchos de infantaria pesada, 178 mil de infantaria ligeira; 1 milhão e 41 mil cápsulas



fulminantes e 410 mil cartuchos de cavalaria e 300 mil de pistolas.

O Ten Cel Carvalho coordenou, a mando de Osório a travessia do rio Paraná em Passo da Pátria e na biografia citada, na página 151 do 2º volume, consta uma longa nota explicativa dos preparativos, em que dá conta do andamento dos serviços que estavam sendo realizados.

A propósito, como foge do escopo desse ensaio as análises prolongadas dos acontecimentos ocorridos ao longo de toda a Campanha, penso ser altamente compensador um estudo detalhado dessa operação de transposição, aí incluídas as ações combinadas e conjuntas, sejam com a Esquadra Imperial, já com a presença de Tamandaré, sejam com os aliados, envolvendo as fintas e escaramuças, como a que acabou por vitimar o Tenente Coronel Villagran Cabrita, na ilha da Redenção, um banco de areia em frente ao Forte paraguaio de Itapirú.

Para finalizar essa fase, registro sumariamente a composição das nossas tropas durante a revista que realizou o Gen Osório em Tala Cora, no dia 1º de março de 1866, 45 dias antes da invasão. Eram 6 divisões (2 de Cavalaria e 4 de Infantaria) compostas por 19

Brigadas, sendo 6 de Cavalaria, 11 de Infantaria, 1 de Artilharia e uma Mixta; que enquadravam 4 Regimentos de Cavalaria Ligeira, 14 Corpos de Cavalaria da Guarda Nacional, 12 Batalhões de Infantaria, 28 Corpos de Voluntários da Pátria, 1 Regimento de Artilharia a Cavalo e 2 Batalhões de Artilharia a pé, 1 Batalhão de Engenheiros e 1 Esquadrão de Transportes. Somavam-se 33.787 homens, sendo 4.347 cavalarianos, 20.537 infantes, 2686 artilheiros (48 bocas de fogo) e 287 engenheiros. Compute-se, ainda, 4380 doentes e 130 homens dos Corpos Especiais (Saúde, Eclesiásticos e Estado-maior de 1ª e 2ª classe) Comparados aos 9500 existentes em 1º de março do ano anterior, quando assumiu o comando do Exército Imperial, tem-se a exata noção do esforço despendido pelo Brasil para defender-se da agressão paraguaia. Exército não se improvisa.

A luta para a conquista de Humaitá

A principal característica do terreno paraguaio onde iriam atuar as tropas aliadas era o seu quase que total desconhecimento. O isolamento do mundo exterior, imposto por Francia, seu ditador perpétuo, desde 1811, ano da sua indepen-

dência, até 1841, quando ele faleceu, era a forma de defesa julgada apropriada para uma nação pobre e fraca. Ao assumir o comando da nação, seu sucessor Carlos Lopes, que ficou no poder também até a sua morte, em 1862, enfrentou uma tentativa de incorporação do território paraguaio pelos argentinos. Juan Manoel Rosas, ditador platino, que sonhava em reconstituir o Vice-Reinado do Prata, ao realizar uma ação mal sucedida contra o Paraguai, levou Carlos Lopes a solicitar ajuda ao Brasil, que havia reconhecido a independência do país em 1844. O Governo Imperial colocou 2 engenheiros militares à disposição de Carlos Lopes, os então Major Hermenegildo Portocarrero e o Capitão José Carlos de Villagran Cabrita, que deram os primeiros passos para fortificar a Região de Humaitá, cuja topografia era excepcionalmente favorável ao bloqueio do movimento pelo rio Paraguai, única via de acesso utilizada e conhecida dos estrangeiros para chegar a Assunção, sua capital.

Humaitá era o acidente capital da defesa do Paraguai, e foi sendo fortificado ao correr do tempo. Os técnicos estrangeiros contratados por Lopes, em particular os ingleses, dedicaram-se a essa tarefa. George Thompson, um engenheiro

inglês que depois se incorporou ao Exército de Lopes e por ele combateu, dedicou-se especificamente a transformá-la numa nova Sebastopol (a da Guerra da Criméia de 1854- 1856). Não existe um estudo específico sobre a sua organização, o armamento que dispunha e sua imensa rede de trincheiras. Francisco Doratioto⁸, na obra supra citada, nos fornece uma breve visão do que teria sido o seu sistema defensivo. Deixemos que o correr de sua pena nos apresente essa formidável área de operações:

“A posição paraguaia no esteiro Bellaco compunha o sistema defensivo de Humaitá, que ficou conhecido como quadrilátero. A fortaleza de Humaitá encontrava-se a uns vinte quilômetros do Passo da Pátria, tendo a protege-la não só armas mas, também, dois esteros, o Bellaco e o Rojas, que se constituíam em obstáculos formidáveis para o avanço de forças terrestres aliadas. A fortaleza estava a dez metros acima do nível do rio Paraguai e sua artilharia controlava vários quilômetros dessa via fluvial; possuía, ainda, uma trincheira de cerca de treze quilômetros, que se estendia desde a margem do rio Paraguai até a planície. À sua volta havia um enorme terreno, com profundas lagunas e



carriçais, compostos de mata de cana-brava, difícil de ser penetrada, intermediados por bosques impenetráveis e espessas moitas – o Potreiro Obella, que tinha poucos caminhos, somente conhecido pelos paraguaios. A leste de Humaitá havia uma selva cerrada, contando com um único caminho utilizado por Solano Lopes para trazer gado para dentro da fortaleza. Apenas durante a seca, quando os pântanos baixavam, as lagunas e as areias movediças ficavam visíveis, aparecia um pequeno trecho de terreno sólido, que se estendia ao norte dessa posição e terminava em Tahí, pequena posição fortificada, à margem do rio Paraguai e acima de Humaitá. Do outro lado do rio havia o Chaco, região pantanosa, com vegetação escura. Nesse terreno inóspito e desconhecido para os aliados, foi travada a guerra até o início de 1868”

O dia 16 de abril de 1866 marca o início da contra-ofensiva aliada na região das Três Bocas. Osório reivindicou para si o privilégio de ser o primeiro a pisar o território paraguaio, por ter sido o Brasil o primeiro a ser invadido por Lopes, com o que concordaram Mitre e Flores.

Os aliados dispunham, na região de Corrientes, de 68.500 h (38 mil brasileiros, 25 mil argentinos e

2.500 uruguaios), mas a força de invasão contava com 42.200 h (29 mil brasileiros, 11.000 argentinos e 2.200 uruguaios) e 87 canhões. Do outro lado, no acampamento fortificado de Passo da Pátria, Solano Lopes contava com cerca de 30.000 h. Dos 40.000 que haviam invadido o território argentino, 8.500 morreram e 12.000 foram aprisionados. Voltaram 14.000 em condições de combate e 5.000 doentes, que atravessaram o Paraná, em 31 de outubro de 1865, ao longo de três dias, sem serem molestados pela nossa Esquadra, que dominava o rio Paraná.

Tamandaré dispunha, para apoiar a travessia, de 26 navios (sendo 16 de combate, com 110 canhões). Com nove navios – transporte, dois avisos a vapor, quatro grandes chatas e doze canoas, foram desembarcados 9.500 h e 1.800 t de material na boca do rio Paraguai, uns dois quilômetros acima da sua foz.

Na véspera desse dia Osório lança, na sua Ordem do Dia, a famosa exortação:

“Soldados! É fácil a missão de comandar homens livres; basta mostrar-lhes o cominho do dever. O nosso caminho está ali em frente.

Não tenho necessidade de recordar-vos que o inimigo vencido e o

paraguaio desarmado ou pacífico devem ser sagrados para um exército composto de homens de honra e de coração. Ainda uma vez mostremos ao mundo que as legiões brasileiras no Prata só combatem o despotismo e fraternizam com os povos.

Avante soldados! Viva o Brasil” Viva o Imperador! Vivam os Exércitos Aliados!”⁹

Eram cerca de 0900 hs quando Osório desembarcou com seus 6 ajudantes-de-orden e outros 12 cavalarianos que compunham seu piquete de proteção. Incontinentemente avançou para reconhecer o terreno, sem esperar a tropa de infantaria do 1º Corpo de Exército, sendo fustigado por uma avançada paraguaia, contra a qual travou combate. Socorrem-no duas companhias do 2º Batalhão de Voluntários, comandadas pelo então Major Deodoro da Fonseca, apoiadas por outras duas do 11º Batalhão de Infantaria, que recalcam o inimigo.

Osório, é criticado por sua conduta (existe uma carta do ministro da Guerra, o Conselheiro Ferraz, datada de 2 de maio e publicada na biografia escrita por seus netos [pg181, Volume 2], que o censura por expor-se desnecessariamente, sendo ele o Comandante em Chefe) Ele explica mais tarde, que assim procedera para mostrar aos seus co-

mandados, a maioria recrutados e bisonhos, que o seu General era capaz de ir até onde os mandava.

As seqüências das ações aliadas nos levam até a Batalha do Tuiuti, travada e vencida por Osório, em 24 de maio, 18 dias após a invasão. Dela muito se conhece e vou apenas lembrar alguns aspectos para possibilitar a compreensão do que terá representado como episódio militar expressivo. Começo me referindo à reação de Lopes em relação à invasão. Com imensa superioridade de meios (30.000 contra 9.000), preferiu retirar-se para a região de Humaitá. Alguns dos seus defensores alegam que o bombardeio da Esquadra sobre o acampamento fortificado de Passo da Pátria inibiu sua ação. Depois, no combate de Estero Bellaco, travado a 02 de maio, também foi pouco ousado, preferindo realizar apenas uma surtida contra a vanguarda aliada, que desconhecia o terreno e não havia estabelecido uma proteção apropriada. Suas perdas foram grandes, mais da metade do efetivo que empregou. Nessa ocasião nos foram tomados 2 canhões da bateria do Regimento de Mallet, colocadas a disposição de Flores, comandante da Vanguarda aliada, fato que vai determinar a construção do fosso de proteção ao Regimento de Mallet no dispositivo



adotado em Tuiuti.

A compreensão de Tuiuti se inicia pelo dispositivo aliado adotado, um alto guardado, com a tropa encolunada num espaço que media 4 quilômetros de profundidade por 2,5 quilômetros de largura, situado entre dois esteros, o Bellaco ao sul e o Rojas ao norte, com uma lagoa a oeste e mata e pântanos a leste. Alto guardado porque a tropa rompeu o movimento em direção a Humaitá e esbarrou no estero Rojas. Parou para reconhecer o terreno a sua frente, continuou escalonada em profundidade porque sua intenção era prosseguir. O dispositivo mantinha a vanguarda de Flores apoiada por batalhões de infantaria brasileiros, e pelo 1º Regimento de Artilharia a cavalo, os 28 canhões raiados da Artilharia revólver de Mallet. Colocada bem junto à essa vanguarda, a nossa 6ª DI; um pouco mais a retaguarda e escalonada, a esquerda, a Divisão Encouraçada de Sampaio. No centro, a 1ª DI de Argolo, seguida da 4ª DI de Xavier de Brito, junto com a Brigada de Artilharia. Na retaguarda, as duas Divisões de Cavalaria, 4.000 h e apenas 600 cavalos. Os argentinos se posicionaram a direita desse dispositivo, previnindo-se de um possível desbordamento por leste, com sua artilharia à frente, tam-

bém escalonando sua infantaria e fechando o dispositivo com os 2.000 cavalarianos de Hornos.

Ao resolver se antecipar ao movimento aliado, que simbolicamente iria se iniciar no dia 25 de maio, data nacional argentina, Lopes concebe realizar um duplo envolvimento do Exército aliado, com o qual pretendia atingir e fechar os passos do estero Bellaco e, com um ataque frontal realizado pelo Cel Dias, seu melhor comandante, utilizando este 9.200 homens, destruir o inimigo

O fosso de Mallet quebrou o ímpeto do ataque paraguaio que passou a tentar desbordar o dispositivo, A ação de comando de Osório e sua presença em todo o campo de batalha, foram construindo o dispositivo que impediu a realização do planejamento de Lopes, que não se aventurou a comandar diretamente os seus homens, ficando postado em Passo Pocú, local do seu Quartel General. A batalha durou cerca de cinco horas.

Em Tuiuti defrontaram-se 32 mil aliados contra 24 mil paraguaios e a batalha produziu 17.000 baixas (13.000 paraguaios e 4.000 aliados) Teria sido um combate decisivo, se tivesse havido um aproveitamento do êxito. Mitre, o Comandante-em-Chefe, que ape-

nas atuou junto aos seus homens, não teve a capacidade de correr o risco inerente aos grandes chefes. Osório dominou a cena e a vitória aliada se deve à sua capacidade de liderança e comando. Isso o reconhece o próprio General Mitre na sua Ordem do Dia referente à Batalha do Tuiuti¹⁰.

Osório, doente, deixa o Comando do Exército Imperial. É substituído pelo Marechal Polidoro da Fonseca, em cuja fé – de – ofício constam a participação na Guerra dos Farrapos, o Comando da Escola de Aplicação do Exército, criada em 1856, na Fortaleza de São João, e o posterior comando da Escola Militar da Praia Vermelha. Foi Ministro da Guerra do Gabinete liberal do Marques de Olinda (1862/1863) e Adjuntante-General do Exército, ocasião em que foi designado para substituir Osório.

A fase que se segue, no comando de Polidoro, reflete a desorganização dos aliados e se conclui com a fragorosa derrota de Curupaití. O Brasil possuía estacionado, em reserva na região de São Borja, um Corpo de Exército a comando do Barão de Porto Alegre, que havia cercado o General Estigarribia em Uruguaiana e provocado a sua rendição. Em fins de julho de 1866 estava estaciona-

do no Passo da Pátria, próximo da Fortaleza de Itapirú. Em 2 de setembro, embarcou na Esquadra e, após um rápido combate ocupou, no dia seguinte, a região de Curuzú. O não prosseguimento da ação sobre Curupaití, o define como mais um combate decisivo não aproveitado para dar fim à guerra. Naquela ocasião as trincheiras paraguaias na área não estavam prontas e os seus efetivos eram insuficientes. Porto Alegre alegou que o desconhecimento do terreno o desestimulou de prosseguir, aproveitando o êxito de Curuzú.

Mitre, após conferenciar com Polidoro, Flores e Tamandaré, resolve atacar Curupaití, considerada como ação preliminar ao prosseguimento das ações sobre Humaitá. Escolhera-se outra direção estratégica, agora junto ao rio, para, com o apoio da Esquadra, investir Humaitá. O ataque foi planejado para 16 de setembro, mas chuvas torrenciais, que alagaram o campo de batalha e desentendimentos entre Mitre, Porto Alegre e Tamandaré, colocaram em dúvida a validade da ação planejada.

No dia 12 de setembro Solano Lopes solicita um encontro com os chefes aliados, a ser realizado na região de Iataití–Cora, ao norte de TUIUTI. Mitre e Flores compare-



cem e Polidoro se recusa a participar. Muito pouco se sabe dessa conferência, inclusive o que Mitre e Lopes discutiram a sós, mas, segundo relato de George Thompson¹¹, o General Barrios disse a um dos Ajudantes de Campo de Mitre que os paraguaios desejavam apenas que os argentinos os deixassem sós com os brasileiros, porque assim, mesmo que dobrassem seu Exército, seriam facilmente vencidos. Iataití-Cora serviu para retardar ainda mais a ação sobre Curupaití e alguns estudiosos são de parecer que a conferência solicitada, nada mais foi do que um estratagema paraguaio para concluir as defesas do Quadrilátero. O ataque se deu, finalmente, a 22 de setembro, contra uma trincheira de dois quilômetros de extensão, antecedida por um fosso de quatro metros de largura por dois de profundidade, além de um muro com dois metros de altura. No seu interior, 5.000 homens e noventa canhões. À sua frente, um terreno alagado, por onde marcharam 20.000 aliados, metade brasileiros, metade argentinos, ao comando de Mitre. O desastre de Curupaití acarretou em 4.000 mortos aliados, a mesma perda de Tuiuti, contra apenas 54 perdas paraguaias.

No dia 25 de setembro, 3 dias

após o fracasso aliado, o General Flores deixa o Teatro de Operações e passa o comando dos orientais ao General Enrique Castro. Sua tropa, cerca de 600 homens, ficará composta por 2 Batalhões de Infantaria, 1 Regimento de Cavalaria e 1 Bateria de Artilharia a 8 peças. Uma revolta no Noroeste da Argentina levará Mitre também a deixar o Paraguai. Levará consigo 4.000 homens e passará o Comando ao General Gelly y Obes, que disporá de 6.000 h.

A consequência imediata da derrota de Curupaití foi a convocação de Caxias para comandar o Exército Brasileiro em Operações no Paraguai. Ele chega ao Passo da Pátria em 17 de novembro, acompanhado do Almirante Joaquim José Inácio, o Visconde de Inhaúma, que vai substituir Tamandaré.

Ele encontra o Exército desorganizado e com o moral baixo; a indisciplina tomara conta da tropa. A desorganização era imensa, a Cavalaria estava a pé, pois os cavalos morriam por falta de forragem. O Exército aliado estava reduzido a 1/3 do seu efetivo. Foi necessário reorganizar tudo, disciplinar a tropa, treinar os homens. Ele passa então a cuidar seriamente da hospitalização, do vestuário, da higiene alimentar e

11 - Tompson, George, La Guerra del Paraguay, Assunção, 1869

do asseio do campo e da tropa.

Na sua Ordem do Dia nº 7, de 28 de novembro de 1866, portanto onze dias após a sua chegada, começa o colocar a casa em ordem. Cria a função de Inspetor da Polícia do Campo, com as seguintes atribuições (ver anexo). Mas não basta mandar, vai ver (Ordem do Dia nº 11 de 08 de dezembro em anexo) Não tergiversa, age (Ordem do Dia nº 23 de 06 de janeiro, anexa)

Em janeiro de 1867 o Exército no Paraguai dispunha de 51.000 homens. Caxias liga-se com Osório e lhe pede que organize um novo Corpo de Exército no Rio Grande do Sul. O Centauro, embora doente, não recusa o convite e começa a recrutar e a preparar novos meios para participar da ação. Da Corte chegou, até maio, cerca de 14.000 homens, recrutas bisonhos que precisam ser treinados.

Em março, a cólera atinge o acampamento brasileiro e morrem cerca de 4.000 homens. Em junho ela some, como por encanto.

No dia 13 de julho Osório retorna ao TO à frente do 3º Corpo de Exército, 6.000 homens preparados na Província gaúcha.

No dia 22 de julho, nove meses após a sua chegada ao Paraguai, Caxias vai retomar o movimento e a ação contra Lopes. Um novo Exér-

cito foi gestado e mostrará a importância do treinamento, da disciplina e da preparação no desenvolvimento e no sucesso das operações.

Gostaria de lhes mostrar o quadro de situação dos meios ao início dessa fase: (Ver Anexo).

Caxias, ao analisar a situação e em função da experiência vivida e pelos reconhecimentos que realizou, chegou à conclusão de que um ataque frontal ao Quadrilátero não surtiria efeito. Os 38.000 h disponíveis e 160 bocas de fogo eram insuficientes para romper a posição fortificada de Humaitá, com seus 30.000 h entrincheirados e mais de 200 canhões. Optou por realizar uma Marcha de Flanco e procurar uma brecha no dispositivo inimigo. Dirige-se para leste, na direção do Passo de tio Domingos e o cruza, indo acampar a 31 em Tuiú-Cué, uma antiga Fazenda pertencente ao Estado paraguaio. Neste mesmo dia retorna ao TO o General Mitre e reassume o Comando dos Exércitos aliados.

Começa, então, uma nova fase de discussões e desentendimentos, pois Mitre desejava que a Esquadra Brasileira forçasse a passagem de Humaitá, contra o que se opunha o Almirante José Inácio, alegando que sem um ponto de apoio a montante da Fortaleza era impos-



sível suprir os navios, que corriam grave risco. Alegava também que estavam sendo construídos, no Arsenal de Guerra do Rio, navios especiais, os monitores, apropriados para aquele tipo de combate. Mitre insistia e havia uma enorme desconfiança quanto a essa insistência, alegando o Almirante que, na realidade, Mitre queria expor a Esquadra ao fogo de Humaitá para destruí-la e com isso acabar com a supremacia naval brasileira no Prata. A Esquadra, pelo Tratado, não ficava subordinada ao Comandante-em-Chefe, mas ao Comandante do Exército Imperial.

Em 15 de agosto a Esquadra força a passagem em Curupaití e, embora avariada, não perde nenhum dos seus navios. É construída no Chaco, uma estrada-de-ferro rudimentar, até a região de Porto Elisário, para suprir os navios de carvão, mantimentos e munição. Uma Brigada é deslocada para dar proteção a essa pequena Base e os navios passam a bombardear, sistematicamente, a cidadela de Humaitá.

Enquanto isso, Caxias prossegue com as ações no flanco leste e usando a Cavalaria, atinge a região de Tahí em 02 de novembro, porto por onde Lopes se ligava a Assunção. O cerco estava quase

concluído. No dia seguinte, com a finalidade de descomprimir o cerco, Lopes realiza um segundo ataque ao Acampamento de Tuiuti. Ao comando do General Barrios, 8.000 paraguaios investem contra o 2º CEx, que com cerca de 4.000 h defendia aquela posição. Tuiuti havia se transformado numa grande Base Logística, contando, inclusive, com um enorme comércio particular, que atendia as necessidades civis e pessoais da tropa. Assemelhava-se a uma pequena cidade com opções de toda a sorte. Eis aqui outro tema importante para ser estudado, porque trata dos aspectos sociológicos da guerra e, em consequência, da sua influência nas operações e no desempenho dos homens.

O ataque de Barrios, tendo obtido êxito inicial em virtude da surpresa, esbarrou no comércio de Tuiuti, e ali ficou. Os paraguaios abandonaram o ataque e se dedicaram ao saque, permitindo que Porto Alegre, que havia retraído para o interior de um perímetro fortificado, se reorganizasse e contra-atacasse. Os paraguaios foram desbaratados e perderam cerca de 3.000 homens.

No dia 21 de dezembro chegam finalmente na região de Humaitá os monitores Pará, Alagoas e Rio

Grande do Norte, construídos no nosso Arsenal de Marinha. Tahí fora conquistada e não havia mais razão para não completar o cerco pelo rio. A decisão de forçar a passagem é tomada. Sobre este fato, a riqueza das fontes de consulta nos mostra aspectos do procedimento e da atuação do soldado brasileiro pouco explorados. Vejamos esse trecho que descreve a ação de comando de Caxias nas vésperas da ação da nossa Marinha contra Humaitá. Mitre já tinha retornado de vez para a Argentina, face à morte do Dr. Marcos Paes, seu Vice Presidente e que garantia o controle político da nação durante a sua ausência. Passou-lhe o comando, em 14 de janeiro. Tasso Fragoso¹² assim descreve o fato, com base no próprio diário de Caxias: (ver anexo).

Assim, às 0300hs da madrugada do dia 19 de fevereiro de 1868, 3 Encouraçados: Barroso, Bahia e Tamandaré, rebocando, cada um deles um Monitor (Pará, Alagoas e Rio Grande do Norte) iniciam a ação e sob o fogo da Fortaleza, ultrapassam-na e chegam até Tahí, às 1030 hs, onde foram acolhidos pelas tropas do 1º CEx.

Essa ação foi coordenada por Caxias, que na véspera expôs o seu plano, no Quartel-General

para Osório, Gelly y Obes, Enrique Castro, e Andrade Neves. Sua preleção, reproduzida por Tasso Fragoso, tirada do seu Diário diz:

“Uma esquadilha de alguns couraçados e dos três monitores Pará, Alagoas e Rio-Grande tinha ordem de forçar o passo de Humaitá, entre 2 e 3 horas da manhã e de seguir depois rio acima até o Tahí, bombardeando as posições de Tahí e Laureles.

Nessa mesma ocasião 2 canhoneiras postadas na lagoa Pires, a 2ª Divisão da Esquadra fundeada frente a Curuzú e a 1ª fundeada entre Curupaití e Humaitá, encetariam vigoroso e prolongado bombardeio contra o interior do quadrilátero inimigo.

Ao raiar do dia, deveria ser tomado de assalto o reduto situado entre Humaitá e Laureles, conhecido pela denominação de Estabelecimento, ponto mais próximo do lugar em que se presumia achar-se presa uma extremidade das correntes que fechavam e interceptavam a passagem do rio, e onde constava ter o inimigo depósitos de munição de guerra, armamento, arriamento, etc.etc., sendo além disso o porto por onde recebia os recursos vindos pela via de comunicação do Chaco.

Para tal fim uma força compos-

12 - Tasso Fragoso, *idem*, pg 355.



ta de 4 brigadas de infantaria, 3 de cavalaria e 12 bocas de fogo de montanha, sob o imediato e direto comando dele, Caxias, por-se-ia em marcha durante a noite. A fim de evitar que o inimigo convergissem as suas forças para esse ponto, os 1º, 2º e 3º Corpos de Exército brasileiros e as forças argentinas e orientais, tratariam, na ocasião, da passagem da citada esquadriha, de simular um ataque contra as posições inimigas fronteiras aos respectivos acampamentos, bombardeando as mesmas posições e tomando-as de assalto, se os chefes por ventura reconhecessem a possibilidade de uma tal empresa sem riscos de grandes perdas”

Relata ainda, Tasso Fragoso, as providencias que mandou tomar em Tahí, mandando cortar lenha para receber os navios, e sobre uma finta que mandou realizar em Tuiu-Cué e Tuiuti, fazendo crer que estivessem na iminência de um ataque na direção de Passo Pucu.. Baseado na obra de Thompson, Tasso descreve o recinto de Humaitá e as suas baterias. Dessa descrição ficamos sabendo que Humaitá dispunha de 98 peças, distribuídas em 10 baterias e mais 101 peças, voltadas para a parte terrestre, distribuídas por quatro baterias.

Com a ultrapassagem de Humaitá

completou-se o cerco. Solano Lopes deixa Humaitá em 03 de março e por Timbó, através do Chaco, dirige-se a San Fernando, próximo a foz do rio Tebiquari. Leva consigo parte da Artilharia, que vai usar na linha do Piquiciri. Em 22 de março é a vez de Resquim sair com 10.000 homens, abandonando as defesas externas do quadrilátero. Curupaití e abandonada e o General Argolo, com o 2º CEx penetra no Sauce. No perímetro de Humaitá permanecem 3.000 h, com alguma artilharia. Os argentinos ocupam Passo Pucu e Osório cerra com o 3º CEx para a região de Pare-Cué, a oeste de San Solano. O cerco a Humaitá se apertava, mas os aliados não conseguiam penetrar no seu reduto. Um informe do General argentino Rivas, que atuava no Chaco, relatando um possível abandono da cidadela, levou Caxias a determinar que Osório fizesse um reconhecimento em força, na região de Pare-Cué. Osório avançou com 6.000 h e destacou 1.700 cavaleiros para a ação de vanguarda. Os paraguaios reagiram com a Artilharia que lhes restava, atirando sobre uma rede de obstáculos preparados pelos defensores (bocas-de-lobo) e causaram 1019 baixas ao 3º CEx, fazendo com que Osório suspendesse a ação.

No dia 24 de julho, por determinação de Lopes, os últimos

ocupantes de Humaitá começam a abandoná-la. São 3.000 h e trezentas mulheres, que durante a noite, usando canoas, penetram no Chaco, em direção a Timbó. Na manhã do dia seguinte, 25 de julho de 1868, presentindo que algo anormal ocorria no reduto, Osório, acompanhado do Coronel Correia da Câmara, penetra na Fortaleza e a encontra praticamente vazia. Argolo Argolo e Gelly y Obes também a investem. Não há reação. Humaitá não foi conquistada, foi apenas ocupada, após ter sido abandonada.

O que isto representa? Tenuidade paraguaia? Incapacidade aliada? Penso que o fator preponderante foi o terreno, de cujo uso judicioso, os paraguaios, ajudados por técnicos ingleses, souberam tirar proveito.

Desse período, a conquista de Humaitá, merece também serem estudadas as influências da política sobre as operações. Na Corte, as disputas pelo poder, entre liberais e conservadores, produziam críticas acerbadas, que levaram Caxias a pedir demissão do comando, o que lhe foi negado, e acabando por fazer cair o Gabinete liberal de Zacarias de Góis, dando início ao processo da queda da monarquia e da substituição do regime.

Não seria incorreto afirmar que Humaitá, de certa forma, também concorreu para a proclamação da República no Brasil.

Outros fatos merecem registro, como por exemplo, a interferência do Governo nas operações. Doratioto¹³ nos mostra que o Gabinete de Zacarias forçou o Visconde de Inhaúma a correr o risco da ultrapassagem de Humaitá. Registre-se, ainda, a proposta de Caxias, em carta de 14 de agosto, portanto depois da conquista do baluarte, e dirigida ao Ministro da Guerra, seu correligionário, para que a guerra fosse encerrada ali, pois, “como Brasileiro e Senador do Império, e com a consciência de General, tenho para mim que as injúrias irrogadas pelo tirano do Paraguai às Potências aliadas estão mais do que suficientemente vingadas”¹⁴.

Informa entretanto Doratioto que, no mesmo ofício em que propunha a paz, o concluía afirmando, de modo disciplinado, que o governo imperial poderia contar com ele, fosse para continuar, fosse para acabar com a luta.

D. Pedro II não aceitava essa solução e determinou que a luta continuasse até que Solano Lopes fosse expulso do Paraguai.

A perseguição, o cerco e a destruição do Exército de Solano Lo-

13 - Doratioto, obra citada, pg 321

14 - Doratioto, idem, pg 337



pes na Linha do Piquiciri

Humaitá tornou-se a nova Base de Operações de Caxias, de onde iniciará a perseguição ao déspota, para finalizar a Guerra.

No dia 13 de agosto, o Marechal reúne todos os comandantes aliados no seu Quartel General em Pare-Cué e lhes apresenta o seu Plano de Operações para o prosseguimento das operações, observando que poderiam concluir a campanha em dois meses. Gelly y Obes, comandante argentino, lhe informa que recebera ordens de seu governo para não prosseguir nas operações. Apesar dessa atitude, Caxias não acreditava nela, pois sabia do interesse dos argentinos em que a luta continuasse, pois continuam lucrando muito com as libras que o Brasil despejava nos cofres argentinos. Tinha razão, pois em 06 de setembro, Gelly y Obes se apresentou com ordens para se reintegrar ao Exército aliado.

No dia 14 de setembro a marcha em direção a Assunção foi retomada e esse período também é repleto de ensinamentos. Merecem estudo a marcha realizada durante 36 dias, debaixo de fortes chuvas, longa de cerca de 200 quilômetros, em terreno pantanoso e desconhecido, recortado por diversos rios. E os trabalhos de engenharia, as missões

de reconhecimento realizados pela Cavalaria, a participação da Esquadra no transporte das tropas e nos reconhecimentos desses rios, seja o Paraguai, sejam seus afluentes.

Há, ainda, o registro da tirania de Lopes, no episódio de San Fernando, às margens do Tebiquari, e seu local de destino após deixar Humaitá. Ali, desconfiado de uma conspiração, ele mandou assassinar inclusive seus parentes, cujo relato encontra-se nas Ordens do Dia de Caxias, prova pungente do caráter e da personalidade do chamado “Napoleão do Prata”.

O Exército atingiu a região de Palmas em 28 de setembro e Caxias determinou que Osório reconhecesse a posição do Piquiciri, situada logo a frente. Dessa ação ficou comprovada a impossibilidade de desbordamento por leste e a inadequabilidade de um ataque frontal. Não se desejava transformar a posição do Piquiciri em uma nova Humaitá. É quando Caxias elabora a genial manobra de envolvimento, cerco e destruição, que vai ficar registrada como uma das mais perfeitas já realizadas em operações militares e que a História Militar mundial, ainda não lhe deu o destaque e a importância devida.

Se por leste era impossível, e pelo centro desaconselhável, resta-

va a opção por oeste. Pela calha do rio, nos barcos da Marinha, seria moroso. Restava o Chaco. Por aí investiu Caxias. Mandou construir uma estrada, longa de 11 quilômetros e com cinco pontes, obra prima da engenharia militar brasileira, realizada em 23 dias e cobertas por 6 mil troncos de palmeira carandá. Os trabalhos foram iniciados pelo Coronel Tibúrcio, Comandante do 16º Batalhão de Infantaria, oficial brilhante que iniciara a guerra com tenente, no Exército de Osório, que se pos à frente 1112 h, denominados de Força Expedicionária do Chaco (2 BI, 1 Esqd Cav e 2 Cias de Eng); obra de Argolo, com seus 3.500 homens do 2º CEx e o apoio técnico da Comissão de Engenheiros (Ten Cel Rufino Enéias Galvão, Ten Carlos Lassance e Alferes Emílio Jourdan).

Durante a construção da estrada Caxias fiscalizou, pessoalmente, o serviço. Por sete vezes cruzou o Chaco, a cavalo, a pé ou em canoas. Atingindo o rio Paraguai na região de Vilheta, embarcava nos navios da Esquadra e ia reconhecer os possíveis locais de desembarque. No dia 27 de novembro transferiu seu Quartel General para o Chaco. As chuvas torrenciais enchiam o rio e colocavam em perigo a manobra idealizada.

No Chaco foram colocados cerca de 25.000 h (3 CEx e 5 Divisões de Cavalaria), que na madrugada de 05 de dezembro começam a ser transportados pela Esquadra e desembarcam na região de Santo Antônio, a retaguarda da posição defensiva do Piquiciri. Eram 18.667 infantes, 1.000 cavalarianos, 450 artilheiros e 300 engenheiros, prontos para iniciar os combates contra Ita-Ivaté, Quartel General de Lopes na região de Lomas Valentinas. No Chaco ficaram 4.000 cavalarianos, que vão desembarcar, após o Combate de Itororó, na região de Guarda Ipané e que serão o instrumento de Caxias para aniquilar o inimigo no Arroio Avaí.

A dezembro, como a consagrou a cultura histórica militar, caracterizou o cerco e a destruição do inimigo. Caxias sabia da importância do fator tempo, pois era necessário evitar que Lopes voltasse parte do seu dispositivo para o norte e fortificasse a posição nessa direção. Eis a explicação para o conceito da operação sobre o Arroio Itororó.

Esse arroio tinha quatro metros de largura, tinha as suas margens empedradas, com a lâmina d'água, que era pequena, a quatro metros e meio de profundidade; na realidade um fosso. Para a sua traves-



sia uma ponte de madeira, estreita, cerca de cinco metros de largura, onde mal davam para passar duas carroças juntas.

O inimigo se antecipara e pelo sul ocupou, com 5.000 h, uma colina que lhe dava comando sobre o passo e a manteria no seu redor, que lhe mascarava a posição. Tinha, também, alguma artilharia (12 canhões). Caxias determina que Osório, com o 3º CEx, desborde a posição e caia sobre o flanco do inimigo. Na estrada, encolunados, os outros dois Corpos de Exército, aguardando a liberação. O tempo, fator crucial, passa e Osório não chega. Caxias decide passar o obstáculo a viva força; serão 13.000 homens atacando através de uma ponte estreita. O que acontece é uma carnificina, que põe em risco toda a manobra. A visão desse risco leva Caxias ao gesto supremo de arrancar a galope pela ponte e arrastar consigo os batalhões que vão desalojar das colinas os paraguaios. Itororó é um exemplo de tenacidade e liderança, de tomada de decisões de risco e de sublimação do sacrifício.

Liberado o eixo de marcha, Caxias dirige-se para Vilheta, cuja conquista lhe forneceria a capacidade logística para prosseguir na ação. Os paraguaios decidem

barrar-lhe o movimento no corte do Arroio Avaí. Bernardino Caballero, o defende com cerca de 7.000 homens das três armas e 18 bocas de fogo. A Cavalaria, que estava no Chaco, começou a transpor o rio Paraguai na madrugada de 9 de dezembro e no dia seguinte seu efetivo estava completo e pronto para o combate. A Batalha do Avaí vai se travar no dia seguinte. O plano de Caxias é semelhante ao de Lopes em Tuiuti. Um duplo envolvimento com as Divisões de Cavalaria, para cercar o inimigo e um ataque frontal, forte em infantaria para aniquilá-lo.

Assim foi feito e só restaram 200 paraguaios, que conseguiram fugir para a Lomas Valentinas. Osório foi ferido na mandíbula e mais uma vez deixou o Teatro de Operações. Restava agora o cerco e a destruição do Exército de Lopes na posição do Piquiciri.

No primeiro ataque às Lomas Valentinas foram empregados 19.000 homens contra 9.000 em Ita-Ivaté, a maioria velhos e crianças; cerca de 700 na Fortaleza de Angostura, ao comando do inglês George Thompson e 1.500 na linha do Piquiciri. Os aliados contavam ainda com os efetivos de Palmas (4.350 argentinos, 800 uruguaios e 2840 brasileiros - a Brigada Pa-

ranhos e o Corpo de Artilharia de Mallet) com a missão de fixar os efetivos paraguaios do Piquiciri.

O primeiro ataque deu-se a 21 de dezembro e permitiu o isolamento de Angostura, a abertura do dispositivo do Piquiciri, por onde passou o Destacamento de Palmas e o cerco dos paraguaios em Ita-Ivaté. No dia 24 de dezembro, véspera de Natal, os comandantes aliados, convencidos da inutilidade do prosseguimento da batalha, intimam Lopes à rendição, que a recusou. Na manhã do dia 25, 46 canhões se posicionaram em círculo diante do último reduto de Lopes. Às 0600 h começou o bombardeio, que durou hora e meia. Cada peça disparou 50 tiros. No dia 27 deu-se o ataque final, iniciado às 0600 h, com novo bombardeio da posição, seguido do assalto, do qual participaram brasileiros, argentinos e uruguaios. Lopes, em meio ao combate, fugiu por um dos flancos, na direção de Cerro Leon. Angostura se rendeu no dia 30 de setembro. Desde o dia 6 de dezembro, até a rendição de 30, o Exército Paraguai havia perdido quase 20.000 combatentes, podendo ser considerado destruído. Os brasileiros perderam mais de 10.000, dos quais 2.000 foram mortos.

Caxias mandou uma Brigada,

ao comando do Coronel Hermes da Fonseca, ocupar Assunção. Isto foi feito em 1º de janeiro, com a cidade deserta. Caxias entra na capital do Paraguai no dia 5, junto com o grosso do Exército. No dia 14 de janeiro lança a sua famosa Ordem do Dia nº 272, onde descreve de forma sintética e magistral, toda a Campanha do Piquiciri. Termina-a com a afirmação de que:

“A guerra chegou a seu termo, e o Exército e a Esquadra Brasileira, podem ufanar-se de haver combatido pela mais justa e santa de todas as causas.”

Sobre esse período cabem alguns comentários e sugestões. Primeiramente, a relação entre brasileiros e argentinos, que recrudescer a partir do final do cerco de Humaitá e só foi amenizado nas vésperas do ataque final a Ita-Ivaté. Que influência teria tido a falta de confiança e a antipatia de Caxias por Gelly y Obes? Seria um reflexo das relações tumultuadas entre Caxias e Mitre?

Outra questão circunstancial refere-se à fuga de Lopes de Ita-Ivaté. Tanto Doratioto, quanto Tasso Fragoso são pródigos em analisar esta questão. Há indícios da conivência de Caxias com a fuga, que teria sido intermediada pelo Almirante MacMahon, representan-



te americano no Paraguai, maçom como Caxias e como Lopes. Mas seria Lopes maçom? Ou seriam razões de Estado? Aliás, a participação da diplomacia nessa questão do Prata, desde as suas origens, também está merecendo um estudo mais acurado.

O último ponto a que quero me referir, relaciona-se com o desempenho da tropa nessa fase da Campanha. Caxias, segundo Doratioto, fez várias críticas a esse desempenho e o relaciona com o tipo de recrutamento realizado, destacando a presença de escravos e libertos. Como teria influenciado, no espírito de Caxias, a crença, desde Humaitá, da inutilidade de se prosseguir com aquela guerra? Ele cita¹⁵ um comentário feito por Caxias em carta ao Gen Gelly y Obes, quando solicitava a participação argentina nação sobre Ita-Ivaté, onde ressalta o seguinte trecho:

‘Os soldados brasileiros estavam abatidos e desorganizados e não sem razão, pois a qualquer outro Exército, em iguais condições, teria ocorrido o mesmo. Essa campanha de quinze dias, em meio ao barro e à chuva, suportando algumas vezes os rigores de um sol ardente e o calor sufocante nas marchas e contra marchas, mal alimentados, pior assistidos

por socorro médico e combatendo valorosamente, como testemunham os 8.000 brasileiros fora de combate, caídos em seus postos de honra, era para acovardar até um soldado de ferro”.

Tive a oportunidade de visitar o Campo de Batalha de Getsburg, um monumento à alma do soldado americano. O culto à memória, aos heróis, às virtudes, ali e nos inúmeros livros escritos sobre aquela passagem estão perpetuados como fonte de ensinamento. Mapas, terrenos reduzidos, símbolos, espetáculos de luz e som, visitas guiadas, tudo sobre um épico da Guerra de Secessão, colocado à disposição de quem assim o desejar. Piquiciri não fica nada a dever a Getsburg, merecendo, desde já, um estudo comparado.

Mas voltemos à nossa proposta de estudo, porque a guerra não terminou aí. Caxias, no dia 17 de janeiro, assistindo uma missa, que mandara rezar na Catedral de Assunção, sofre uma síncope e fica desmaiado por cerca de meia hora e retira-se para Montevidéu, solicitando sua substituição no Comando das Forças Imperiais. Tal atitude, interpretada como um posicionamento contrário à política imperial desagrada a Pedro II. Caxias chega ao Rio de Janeiro, incógnito, no dia

15 - Doratioto, obra citada, pg 372.

15 de fevereiro. Ninguém a esperar o maior herói da Guerra do Paraguai. O Imperador o sagrará como Duque, em 23 de março, mas Caxias se manterá, por algum tempo, afastado da vida pública.

O fecho da guerra na Campanha da Cordilheira

Esta fase começa com a assunção de comando do Conde D'Eu, encarregado de caçar Lopes pela Cordilheira, missão que não desejava, pois certamente não via muita honra na tarefa. O período compõe-se de três momentos mais significativos, que são o Combate de Peribebeu, talvez o último combate que ainda pode, como tal, ser considerado; o pretenso massacre de Campo Grande, ou Acosta Nhú, como o denominam os paraguaios e que tem servido de símbolo aos revisionistas para mitificar toda a Guerra do Paraguai e, finalmente, a perseguição e morte de Lopes, na região de Cerro Cora, no dia 1º de março de 1870. Ela não ilustra a História Militar Brasileira.

Mas não podemos concordar com as mentiras e as distorções descritas nesses compêndios, até porque não resistem a uma análise séria. Analisemos os registros do Visconde de Taunay, no seu Diário do Exército¹⁶. E o cruzemos com

os relatos encontrados nos livros de Tasso Fragoso¹⁷ e Doratioto¹⁸. Do relato do acontecido no dia 16 de agosto de 1869, dia da batalha, sintetizamos que após a conquista de Peribebeu, Lopes foge, subindo a Cordilheira e penetrando na mata da Serra de Maracajú. No seu encalço, o Conde D'Eu lança seus dois Corpos de Exército, encontrando, nessa perseguição, o General Bernardino Caballero, com 6.000 h e 23 bocas de fogo, ocupando uma posição defensiva entre os arroios Juqueri e Peribebeu. A missão de Caballero era ganhar tempo para permitir a fuga de Lopes. No seu efetivo, crianças com barbas postizas e velhos. Opção paraguaia e de sua total responsabilidade. Era o que restava na população, após cinco anos de guerra, culpa do Ditador, que desgraçou o seu povo. Quantas crianças, quantos velhos, com que idades? Não há registro. Iniciada às 0830 h, terminou às 1500 h, quase 7 horas de combate, mais do que em Tuiuti, contendo um ataque de cerca de 20.000 h, grande parte a cavalo e o fogo de 2 regimentos de Artilharia. Meditemos: crianças e velhos a manejar canhões, a carregar e a atirar com espingardas que pesavam cerca de 7 quilos. Gente mal alimentada, vivendo debaixo de ameaças. Como explicar?

16 - Visconde de Taunay, Diário do Exército – 1869 – 1870, BIBLIEX, 1958, pg 136 a 141.

17 - Tasso Fragoso, obra citada, IV volume, pg. 276 a 293

18 - Doratioto, obra citada, pg. 413 a 418



Vejamos a descrição de José Júlio Chiavenatto¹⁹, começando pelo título do capítulo XV:

Acosta Nu: símbolo de uma guerra: crianças de seis anos lutando e morrendo.

E o subtítulo 58:

Matando”até o feto no ventre da mulher”

E no nº 60:

Um dia da mais heróica batalha americana; 20 mil soldados contra 3.500 crianças paraguaias.

Onde consta:

Acosta Nu foi uma das mais terríveis batalhas da história militar do mundo. De um lado, estavam os brasileiros com vinte mil homens. Do outro, no meio de um círculo, os paraguaios com três mil e quinhentos soldados de nove a quinze anos, não faltando garotos de seis, sete e oito anos! Junto às três mil e quinhentas crianças paraguaias, combatiam quinhentos veteranos comandados pelo General Bernardino Caballero....

E mais:

Acosta Nu é o símbolo mais terrível da crueldade dessa guerra: as crianças de seis e oito anos, no calor da batalha, apavoradas, agarravam-se às pernas dos soldados

brasileiros, chorando, pedindo que não as matassem. E eram degoladas no ato. Escondidas nas selvas próximas, as mães observavam o desenrolar da luta. Não poucas pegavam em lanças e chegaram a comandar grupos de crianças na resistência. Finalmente, após um dia todo de luta, os paraguaios foram derrotados. Pela tarde, quando as mães vieram recolher as crianças feridas ou enterrar os mortos, o Conde D’Eu mandou incendiar a macega – no braseiro, viam-se crianças feridas correr até caírem vítimas das chamas.

Ao me dar conta de que esta ignonímia é ensinada para as nossas crianças, para os nossos filhos, nas nossas escolas de nível médio; sendo esta obra adotada como livro texto e que é referência para estudos, filmes e novelas, posso entender a aflição do Sargento que me questionou sobre Caxias. E vos pergunto: Qual deve ser o nosso papel? Qual deve ser a nossa atitude? Nessa luta cultural, uma luta que envolve conhecimentos, que envolve comportamentos, nessa luta de vontades, devemos ficar passivos?

Vamos concluir nossa palestra.

Conseqüências da Guerra

19 - Chiavenatto, obra citada, pg 153 a 159

A morte de Francisco Solano Lopes nas margens do arroio Aquidabã, em Cerro Corá, no dia 1º de março de 1870, caracterizou o cumprimento de uma das cláusulas do Tratado da Tríplice Aliança, que estabelecia a derrubada do governo paraguaio como objetivo da guerra.

Os cinco anos e três meses de duração do conflito produziram inúmeras conseqüências para todos os seus participantes.

Enriquece esse estudo usar a análise comparativa feita por Luiz Alberto Moniz Bandeira sobre o conflito e a integração na América do Sul²⁰, usando como referências as conseqüências de outros conflitos acontecidos na mesma época, a Guerra Civil Americana (1860 – 1864) e a Guerra de Unificação da Alemanha, envolvendo a Áustria (1866) e a França (1870). A primeira, também conhecida como Guerra de Secessão, permitiu multiplicar por cinco a rede ferroviária americana, barateando o custo do transporte e facilitando a circulação de mercadorias, ao mesmo tempo em que, garantindo a hegemonia do Norte industrializado sobre o Sul agrário e atrasado, alavancou a economia do país e permitindo que saísse de um quinto lugar como potência industrial em 1840, para o topo da lista em 1895. Já a Alema-

nha, beneficiada pelas ricas jazidas de minério de ferro obtidas com a posse da Região da Alsácia – Lorena, pelo aporte de cinco bilhões de francos-ouro, pagos como indenização de guerra pela França e pela construção de cerca de 20 mil quilômetros de estradas de ferro, projetou-se, em 1900, para o segundo lugar da lista, superando a Grã – Bretanha.

Na América do Sul, o Brasil se endividou com a guerra, que lhe custou 614 mil contos de réis (mais de dez vezes o orçamento do Império em 1864, que foi de 57 mil contos de réis); manteve sua vocação agrária e continuou escravocrata por mais dezoito anos; viu inibido o esforço de industrialização do Barão de Mauá, que faliu com a guerra e retardou a nossa entrada nesse grupo seletivo por cerca de 80 anos (considerando Volta Redonda como o grande marco dessa virada).

Já a Argentina, enriqueceu com o conflito, fornecendo a maior parte da logística, paga a preço de ouro pelo Brasil. O Uruguai, já mesmo durante a guerra viu aumentar seu rebanho de ovelhas, de 3 para 17 milhões de cabeças. O porto de Montevideu foi transformado em base de abastecimento dos exércitos aliados e tornou-se um entreposto permanente de livre comércio,



competindo com Buenos Aires. A cidade cresceu, aumentando de 58 mil para 126 mil habitantes, entre 1060 e 1868. A imigração também cresceu e 60% de seus habitantes eram estrangeiros, principalmente italianos e espanhóis. A lã, o charque e o couro eram seus principais produtos de exportação.

O Paraguai pagou um preço extremamente elevado pela loucura de Lopes. Viu reduzida à metade a sua população, ficando esta, na sua grande maioria, formada por mulheres, crianças e velhos. Sua economia apequenou-se e por quase um século, continuou muito empobrecida.

As questões de limites tiveram soluções assimétricas. Entre o Brasil e o Paraguai a querela foi resolvida rapidamente, com o limite estabelecido no rio Apa, como desejava o governo imperial. Com a Argentina, não se cumpriu o previsto no tratado, que lhe destinava todo o Chaco. Por interveniência da nossa diplomacia, que aproveitou a forte presença militar brasileira para tutelar os governantes paraguaios, o limite acabou sendo estabelecido no rio Pilcomayo.

Externamente, a disputa de influência entre os Estados Unidos e a Grã-Bretanha junto ao Brasil e a Argentina, ganhou projeção,

sendo a relação entre americanos e brasileiros fortalecida pelo comércio do café e da borracha, e entre argentinos e britânicos, caracterizada por uma dependência quase colonial informal, mantida pelo comércio do couro, do charque, da lã, do trigo e do milho. Esta situação acabou beneficiando o Brasil na solução da sua questão de limites com a Argentina na Região das Missões, pois obtivemos, em 1895, o laudo favorável do Presidente dos Estados Unidos, Glover Cleveland.

A bem da verdade, o sonho de reconstrução do Vice-Reinado do Prata continuou acalentando a política argentina por longo tempo, da mesma forma que obrigou a diplomacia brasileira a gestionar para manter o “statuo quo” da região.

A Argentina, finalmente unificou-se, o Uruguai e o Paraguai mantiveram-se independentes, o primeiro estabilizado e próspero, e o segundo, permanentemente convulsionado por rebeliões e pobre. O Brasil derrubou a monarquia e estabeleceu a república. Isto depois de, finalmente, acabar com o cancro da escravidão. Tudo como conseqüência da guerra.

No campo militar a guerra tornou o Exército Brasileiro verdadeiramente nacional. Até então, com a proeminência da Guarda Nacional,

criada em 1831 para substituir tropas estrangeiras, incluídas as lusas, que defendiam os interesses da Coroa e das Cortes portuguesas, elas eram efetivamente regionais e regionalmente atuavam. A tropa de 1ª linha, em 1864, dispunha apenas de 18.000 homens, para todo o território nacional. Após a guerra, em 1871, foi reduzida para 19.000, chegando a pouco mais de 11.000 em 1889, por ocasião da Proclamação da República. A nossa supremacia no Sul foi ultrapassada pela Argentina, particularmente quanto ao poder naval, que estimulada por uma disputa com o Chile, armou-se e desequilibrou a situação no Prata. Entre 1895 e 1900, o sul da América era palco de ameaças, seja entre o Chile e a Argentina, seja entre o Chile, o Peru e a Bolívia, seja entre o Brasil e a Argentina e até mesmo entre o Brasil e o Peru. Foi quando ocorreu o desastre de Canudos, em consequência do despreparo do Exército e puro reflexo do abandono a que foi submetido após a Guerra do Paraguai. Considerado como ponto de inflexão na nossa História Militar Contemporânea, simboliza o início da modernização do nosso Exército.

Em razão do término da escravidão e da Proclamação da República, o Exército foi apequenado e

desprezaram-se os enormes ensinamentos proporcionados pela participação na guerra. George Santayana, filósofo espanhol, ensina que “aqueles que desconhecem a História, estão fadados a repeti-la, nos seus erros”. A memória existente desse fato histórico é muito rica e seu estudo, seu conhecimento, sua avaliação e sua crítica, nos permitirá aprender com o passado.

Conclusão

O Professor Philip Bobbitt²¹, que ensina Direito Internacional na Universidade do Texas e Estratégia no Kings College, em Londres, aproveita uma antiga tese do historiador grego Tucídides, autor da clássica obra “As Guerras do Peloponeso”, para criar o termo guerra momentosa, ao definir, para os conflitos, uma questão central que, quando resolvida, normalmente mediante um tratado de paz, caracterizariam a sua verdadeira dimensão. Assim, a conhecida Guerra dos Trinta Anos, que teve como escopo a questão religiosa, terminando com a paz de Vestifália, em 1648, teria começado em 1566 com a revolta holandesa – calvinista contra os espanhóis e durado 82 anos. Da mesma forma, a guerra iniciada em 1914, de cunho ideológico, entre o nazi-facismo

21 - Bobbitt, Philip, A Guerra ea Paz na História Moderna, Editora Campus,2003.



como instrumento da teoria arianista, o marxismo-leninismo como instrumento da utopia comunista e a liberal-democracia como ferramenta do livre mercado, todos eles visando o controle político e econômico mundial, conflito que só terminou em 1991, com o Tratado de Paris, conseqüência imediata da queda do Muro de Berlim e do fim da União Soviética, estabelecendo a hegemonia norte – americana no mundo em que vivemos. Ela integra, pois, as duas Guerras Mundiais, a Guerra Civil Espanhola, a Guerra da Coréia, a Guerra do Vietnam, a Guerra Fria e todos os demais conflitos acontecidos nesse tempo, envolvendo a posse do poder global.

Partindo desse raciocínio, a Guerra do Paraguai estaria também incluída dentro de uma guerra momentosa, cuja motivação foi o controle da Bacia do Rio da Prata, iniciando-se em 1680, com a reação espanhola à fundação da Colônia do Sacramento e concluída, recentemente, em 1991, com a assinatura do Tratado de Assunção, que criou o Mercosul. Estamos, pois, construindo, na paz, o que se disputou na guerra, ao longo de 311 anos.

Ao interpretar que o objetivo maior desse nosso encontro foi mostrar a importância do conhecimento e do uso da História Militar

como um referencial para a profissão militar, aí incluída a questão dos valores que sustentam a nossa Instituição e servem de escopo para manutenção e defesa de sua honra, de seu pundonor e para o aprimoramento das virtudes de seus integrantes, creio que existe, hoje, um instrumento providencial, capaz de, modernamente, estimular e alavancar o estudo dessa Ciência tão imprescindível à nossa formação. Refiro-me aos Clubes de História, já existentes na quase totalidade dos Estabelecimentos de Ensino do Exército. Estimulá-los, preservando o voluntariado, será uma ação estratégica de alto significado. O uso da Internet, onde proliferam as salas de discussão, a pesquisa, os jogos estratégicos envolvendo batalhas, o conhecimento do armamento, das viaturas, dos fardamentos e dos inúmeros aspectos que contam as histórias das batalhas e dos conflitos, será a fonte onde se suprirão os interessados e que possibilitará um conhecimento maior sobre a nossa profissão. Estimular o intercâmbio com entidades congêneres e admitir a presença de participantes extra-força, será motivo de crescimento e possibilidade de divulgação da nossa História. Porque é para isso que serve a memória.